



Miguel

Nunca Desiste

autoras

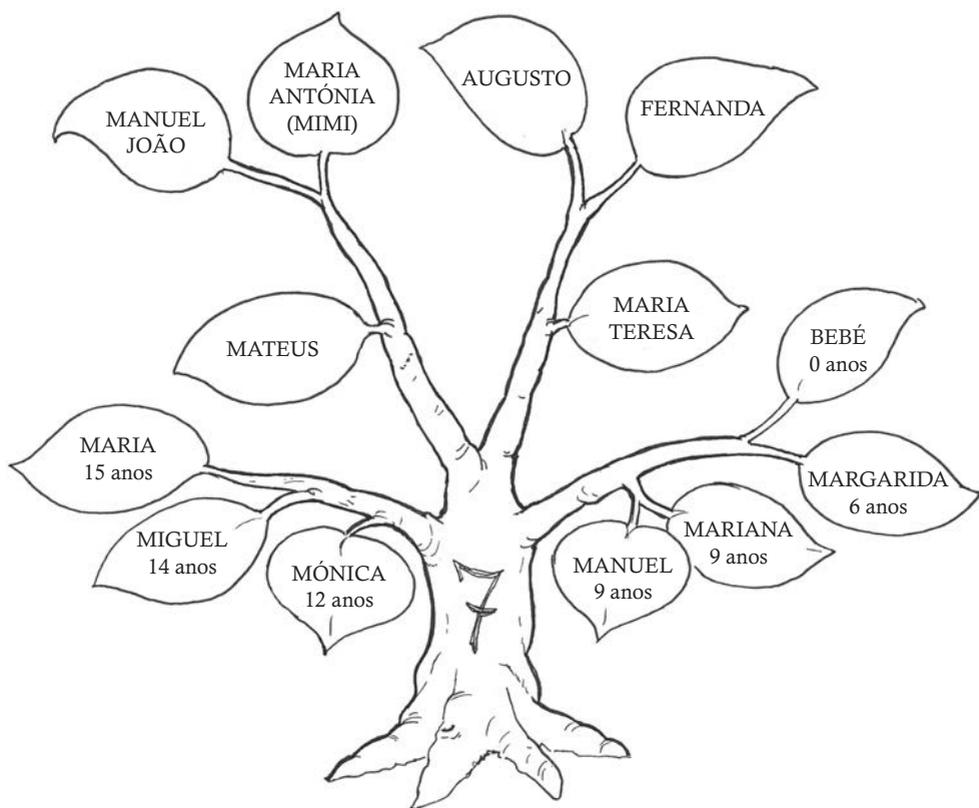
Margarida Fonseca Santos
Maria João Lopo de Carvalho

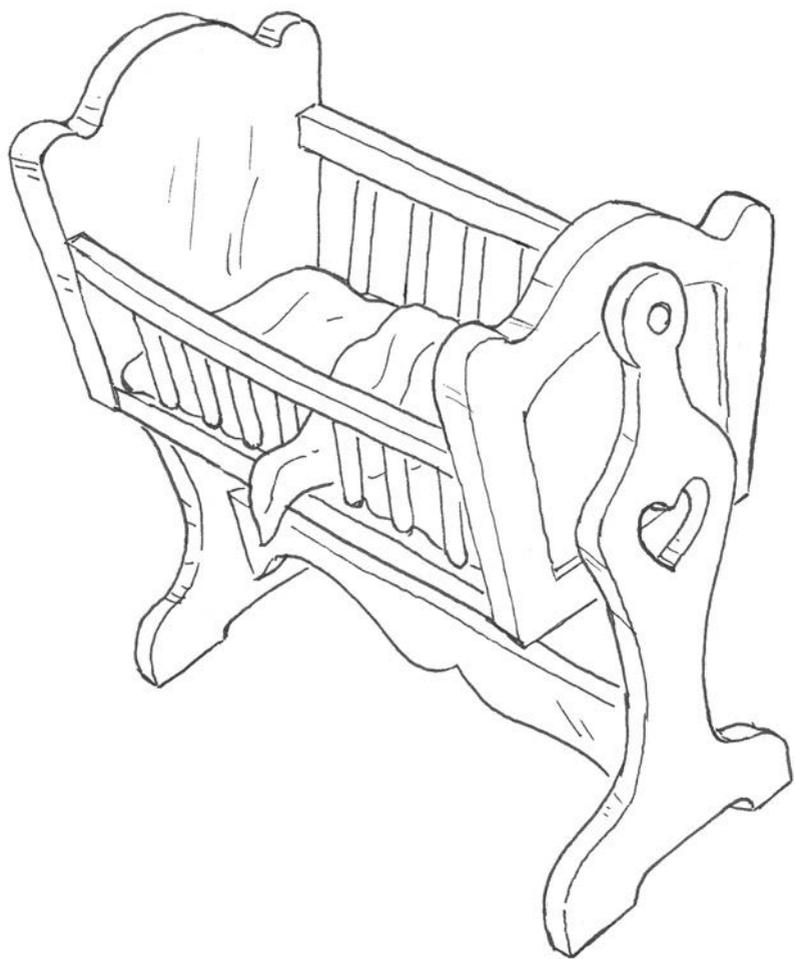
ilustrações
Miguel Gabriel

O	F	I	C	I	N	A
D	O	L	I	V	R	O

Conheces a Família dos 7 Irmãos?

Aqui vai...





UM

Desde que a Maria caiu do cavalo e partiu a perna, a nossa casa recebeu três novos hóspedes: o João Pedro, que, a pretexto de vir visitar a minha irmã, não sai de cá; o *Mister*, o cãozinho que a Mónica encontrou abandonado e que foi assim batizado por mim e por ela em honra da vitória do Desportivo de Nabais, o clube onde jogo futebol; e o berço para a minha irmã Madalena, que vai nascer no fim do verão, abençoada pelo melhor padrinho do mundo: eu.

Não é que o berço faça muita confusão na família. Já é a sétima vez que sai do sótão, que é arejado e limpo pela Alice e que leva um grande laçarote azul ou cor-de-rosa à frente. Mas ter mais uma irmã é bastante chato – isso, sim! Nesta casa, os homens estão em minoria. Continuamos a ser só três: o pai, eu e o Manel. Eu sou o maior! Apesar de andar no 9.º ano e ter de decidir daqui a pouco para que área vou, não tenho problemas existenciais, ao contrário da Maria, que, por ser a mais velha, se acha com direitos adquiridos sobre tudo e todos. Felizmente arranjou um

namorado bem fixe e deixou logo de se queixar de ser gorda e feia, porque até nem é, mas queixa-se de tudo sem razão nenhuma: do cabelo, do aparelho, das sardas... Já a Mónica, logo a seguir a mim, é a minha irmã preferida, se bem que seja um bocado convencida só porque joga bem futebol. Pelo menos não é uma miúda parva, alinha sempre nas minhas partidas e teve imensa coragem quando trouxe o *Mister* cá para casa. Eu adoro cães e ela também, de modo que armámos uma grande cena, e o pai não teve outro remédio senão deixar cá ficar o *Mister* (claro que o nome do cão também tinha de começar por M, não fosse ele parte da nossa família!). Não posso dizer o mesmo da insuportável Mariana: arranja problemas em todo o lado, é queixinhas que se farta e está sempre a meter-se na vida de todos nós. Se isto é assim com nove anos, imagino quando chegar à minha idade! O Manel, gémeo da Mariana, é, para meu descanso, bem diferente: só se preocupa em decorar os países e as capitais, lê a enciclopédia toda e não chateia ninguém. Quanto à Margarida, a mais nova – que vai deixar de o ser em setembro –, essa parece que cresceu de repente e diz que quer ser ela a tomar conta da Madalena. Ainda não percebeu que vai ter de partilhar o quarto e os brinquedos. Como é muito mimada, prevejo o pior...

Tocou o apito para o final do jogo, e a equipa do Desportivo de Nabais suspirou de alívio: aquele um a zero

contra o Colégio de São João vinha mesmo a calhar, pois sublinhava a supremacia da equipa da casa, que, depois de ter ganho o campeonato, não podia deixar o seu crédito por mãos alheias.

– Estava difícil! – queixou-se o Miguel, enquanto se dirigia para o balneário.

– Se não fosse o teu golo, empatávamos isto, e quem é que os calava depois? – perguntou o Sérgio, dando pancadinhas amigáveis no ombro do Miguel.

– Eh, pá, ainda bem!! Estes tipos do São João são cá uns betinhos...! Já nem é tanto pela vontade de ganhar, mas mais pelo gozo de os ver perder e sair daqui de cabeça baixa.

Todos na equipa do Desportivo de Nabais festejavam mais esta vitória. Enquanto tomavam duche e se vestiam, iam dizendo piadas e criticando abertamente a equipa adversária, que na época passada lhes tinha ganho por três a zero no campo do colégio, o que os deixou com um amargo de boca que finalmente fora vingado.

– O melhor que eles lá têm são as raparigas! – comentou o Sérgio, esfregando a cabeça com a toalha.
– Viste bem aquelas duas loiras na claque deles? Notaste que olhavam só para nós e que quase nos aplaudiram o golo?

– Vi-as de relance, mas não reparei bem, pareciam *bifas* ou *nórdicas*, não devem ser de cá. Se calhar ainda as apanhamos lá fora à espera deles. Toca a mexer – sugeriu o Miguel.

– Ainda por cima os amiguinhos perderam; elas vão precisar de consolo... Aqui está o grande Sérgio para as animar!

– Espera por essa! Nem nos falam, querem é consolar os betinhos dos amigos.

– Vamos a uma aposta, Miguel? Eu aposto contigo em como consigo convencê-las a vir lanchar connosco.

– Deves conseguir, deves...

– Quanto queres de aposta, Miguel?

Depois de pensar por uns segundos, e mesmo conhecendo bem as capacidades de conquistador do Sérgio, o Miguel sugeriu:

– Um bilhete para o Benfica-Sporting no próximo fim de semana. Se te derem troco, pago-te o bilhete; se te derem tampa, pagas tu. Negócio fechado?

– Negócio fechado!

E, assim dizendo, bateram na mão um do outro a selar a aposta, e subiram a correr as escadas dos balneários que os levavam à saída das traseiras.

Já lá fora, muita gente aguardava a equipa vencedora. O Miguel deu graças a Deus por não estar ali ninguém da sua família, o que era raro, pois pelo menos a Mónica costumava sempre ir assistir. Mas nesse dia tinha treino, o que até foi bom, pois assim foi possível esgueirarem-se, sem que ninguém desse por isso, até à porta de saída da equipa adversária.

– Não contes comigo! Aposta é aposta! Fico aqui a espiar a tua investida – troçou o Miguel, encostando-se

a um carro e cruzando uma perna sobre a outra como se estivesse numa esplanada. Sempre queria ver como se sairia o seu amigo.

O Sérgio era alto para a idade, muuuuuito alto e magro. Tinha caracóis ruivos e uns olhos verdes enormes que faziam as delícias das raparigas. Ninguém diria que fizera só catorze anos – toda a gente lhe dava dezasseis ou dezassete, e ele usava e abusava desse trunfo. Mesmo assim, o Miguel tinha quase a certeza de que o amigo ia perder a aposta. A rivalidade entre o Desportivo de Nabais e o Clube de Futebol do Colégio de São João era enorme.

«O Sérgio tem lata, muita lata», pensou o Miguel. «Mesmo que elas sejam da claque adversária, sabe-se lá do que ele é capaz... e ainda por cima ganhámos o jogo. As raparigas só gostam de heróis, odeiam vencidos – esse ponto joga a favor dele.»

O Miguel começou a pensar que a história da aposta não tinha sido uma grande ideia. Dali de onde estava, só conseguia ver a cabeleira ruiva do amigo no meio da claque do São João. Parecia-lhe demasiado perto das duas raparigas loiras. O Miguel previa o pior: ou o Sérgio ia sair dali insultado e humilhado, ou então seria ele, Miguel, a ter de desembolsar uma data de dinheiro da mesada para comprar o bilhete de futebol. Consultou o relógio: eram cinco da tarde. Daria dez minutos ao amigo para conquistar as duas loiras. Se ele ultrapassasse esses dez minutos, ia para casa, pois estava a ficar cheio de fome e sabia que a Alice, aos sábados, fazia sempre um bolo para o lanche. Só esperava

que o bolo fosse de laranja, que era o seu preferido... Mas, passados apenas cinco minutos, viu o Sérgio a acenar-lhe de longe.

– Chega aqui, Miguel!

O Miguel aproximou-se, chateado, pois a última coisa que lhe apetecia era perder a aposta e levar um rombo nas suas poupanças. Quando chegou ao pé do amigo, verificou que este falava alto, dizia piadas, ria, esbracejava, e elas pareciam estar a gostar.

«Não, não pode ser...» Como é que o Sérgio tinha conseguido em cinco minutos meter conversa com aquelas duas loiraças no meio de tanta gente? Pelos vistos falavam português. Uma delas era cá uma matulona... Podia jurar que nunca as tinha visto antes, e aquele meio era pequeno, duas raparigas assim davam nas vistas... Pareciam fascinadas com o Sérgio. Ele não tinha emenda...

– Então, Miguel? Preciso de reforços – insistiu o Sérgio, piscando o olho ao amigo.

Mas o Miguel já não o ouvia: virou costas e pensou no bolo de laranja da Alice.

O Manuel entrou no quarto a correr.

– Fecha a porta, puto! – gritou o Miguel. – Não quero nada que elas saibam quanto dinheiro é que eu tenho no cofre.

– E quanto é que tens, posso saber?

– Não é da tua conta. Desanda!

– Estás chateado, é?

– Um bocado – confessou o Miguel.

– Porquê? Ganhaste o jogo, não foi? Até foste tu que meteste o golo, disse-me a Mónica.

– Ganhar os jogos não é tudo...

Mas, ao dizer isto, ficou parado com as notas na mão. Como é que a Mónica sabia, se ele chegara a casa havia uma hora e a Mónica tinha vindo direta do treino? Ora, ela nunca levava telemóvel com medo de ser novamente assaltada, e o treino ficava exatamente no lado oposto da cidade...

– A Mónica?

– Sim – continuou o Manuel. – Entrou em casa agora mesmo, deixou qualquer coisa na entrada e saiu a correr para passear o *Mister*...

– Então como é que ela sabe que nós ganhámos?

– Isso não sei, mas ela e a Bia vinham a rir-se às gargalhadas!

– Quem? A gigante da Bia? Aquela altona amiga dela?

– Sim, essa! – afirmou o Manuel, enquanto tirava um livro da estante.

De repente, o Miguel começou a juntar as peças.

– Espera aí! Não deixes ninguém entrar aqui no quarto.

– Nem a Alice? – perguntou o mais novo.

– Nem a Alice, Manel, livra-te!

O Miguel foi a correr à entrada da casa e viu logo um saco de plástico em cima da cadeira. Provavelmente teria sido esse que a Mónica tinha ido deixar a casa. O saco estava fechado com dois nós cegos; tornava-se difícil abri-lo ali. Resolveu levá-lo para o quarto.

– O que é que estás a fazer agora, Miguel? – perguntou o Manuel, desviando os olhos do livro que tinha tirado da estante.

– A abrir o saco... ou és cego?

– Mas não é teu! – lembrou o mais novo.

– Mete-te na tua vida, já te disse!

Dentro do saco, que o Miguel só com os dentes conseguiu abrir, estavam duas cabeleiras loiras e dois pares de lentes de contacto verdes.

– O que é isso? Deixa ver! – gritou o Manuel.

O Miguel nem lhe respondeu. Percebeu logo que tinha caído que nem um parvo em mais uma das partidas da Mónica... Aquela miúda era incorrigível. Suspirou de alívio: pelo menos não tinha de pagar a aposta ao Sérgio... Mas a brincadeira não ficava por ali: as duas loiras ainda iam dar que falar, ou ele não se chamasse Miguel Machado...

Antes do jantar a luta era sempre a mesma em casa da família Machado: saber quem usava o computador. O Miguel jurava a si mesmo que iria conseguir juntar dinheiro suficiente para comprar um portátil só para ele.

Ainda por cima a Maria, por ter partido a perna, julgava-se com mais direitos do que os outros, o que o deixava irritadíssimo. «Lá por ser a mais velha, quem é que ela se julga? O João Pedro é fixe. Pelo menos, quando cá vem visitá-la, a Maria larga o computador», pensava o Miguel.

– Ó mãe, olhe ela! – suplicou a Mariana, apontando para a irmã mais velha. – A Maria não sai dali!

– E mesmo que saísse? – interrompeu o Miguel. – Eu vou primeiro; portanto, tira daí a ideia.

– Isso é o que vamos ver... não mandas! – disse a Mariana, assertiva. – Pedra, papel ou tesoura?

E pôs logo as mãos atrás das costas, para tirar à sorte quem iria primeiro para o computador. A mãe e o pai nunca se metiam nestas guerras de irmãos; eles sabiam resolver as suas bulhas. O pai olhava para a televisão tentando seguir o noticiário, enquanto a mãe verificava o caderno de Português da Margarida.

– Vá lá, Maria, sai lá daí – pediu o Miguel, que sabia muito bem que a mal não conseguia nada da irmã.

– Espera – rosnou ela –, estou a acabar de saber uma notícia aqui no Messenger.

– O quê? O quê? – perguntou logo a Mariana, indo a correr espreitar no visor.

– A Clara – disse a Maria.

– A Clara? – perguntou a mãe, levantando logo os olhos do caderno da mais nova.

– Ganhou uma bolsa para ir estudar na Royal Academy, em Londres... que sorte!

– Sorte, não: mérito – interrompeu o pai.

– Só tu é que não podes fazer *ballet* com essa perna assim – lembrou a Mariana.

– Já cá faltava uma boca tua – respondeu o Miguel, em defesa da Maria.

– A culpa é dela. Se não tivesse ido passear no cavalo do namoradinho, não tinha caído; se não caísse, não partia a perna; e se não partisse a perna, podia muito bem entrar na *Royal* não sei quê. Se não entrou, foi porque não quis – continuou a Mariana, indiferente à reprimenda do Miguel.

– Tu não sabes o que dizes, Mariana... – respondeu a Maria, encolhendo os ombros, mas quase a chorar.

O Miguel olhou para a Maria e percebeu muito bem que aquilo da Clara não tinha sido muito boa notícia para a irmã. Ele sabia o quanto a Maria gostaria, ela também, de ter ganho uma bolsa para a melhor escola de *ballet* de Inglaterra. Embora fossem muito amigas, a Maria tinha ficado com uma pontinha de ciúmes. Mas, felizmente, o pai veio logo desviar a atenção desse assunto.

– E tu, Miguel? O jogo?

– Um a zero, ganhámos.

– Boa!!! Quer dizer que vingaste a derrota do ano passado?

Mas quando o Miguel ia a responder, entrou a Mónica de rompante na sala.

– Quem é que mexeu num saco que deixei na entrada, quem foi? Dizem-me? Quem foi o espertinho ou

a espartinha, hem? Deixei ali um saco, numa cadeira, e o saco sumiu... Alice! Alice! – E saiu, gritando pelo corredor fora. – Alice, mexeste num saco que deixei na entrada?

O Miguel pediu a todos os santinhos que ninguém o tivesse visto a rir à socapa!

